



Osório busca votos nas feiras

# Osório pede voto também para Abadia

De manhã, o alvo foi o eleitor do Plano Piloto. Durante três horas, o candidato a senador do PFL, Osório Adriano, percorreu quadras residenciais e comerciais na caça aos indecisos na reta final da campanha do DF. À tarde, após participar de um debate pela televisão e antes de seguir para o comício do Conjunto Nacional, Osório empenhou-se num corpo-a-corpo na Ceilândia, buscando reforçar o seu cacife eleitoral, a quatro dias da votação constituinte.

Mangas de camisa, o almoço ainda por digerir, Osório Adriano munuiu-se de meia dúzia de cabos eleitorais, farto material de propaganda e atacou os ambulantes do centro da cidade-satélite. Acompanhado de uma das mais eficientes auxiliares de Maria de Lurdes Abadia, a cabo eleitoral Toinha, o candidato do PFL apresentava-se ao eleitor e pedia o voto, ensinando como votar no próximo sábado:

— Pode contar comigo, “seu” Osório. Eu tava pensando em votar em um cabra que nem sei se está vivo. Só vejo o retrato dele — começou a conversa um vendedor de laranjas, que abraçou o candidato enquanto se via atacado por todos os lados. Uma menina colava adesivos em sua camisa, outra lhe apresentava com um colante e uma terceira, de prancheta em punho e exemplares da cédula eleitoral, tratava de mostrar ao eleitor como votar.

Em uma banca próxima, o grupo investiu sobre alguns ambulantes que vendiam camisetada. “Lá em casa vai ser a família todinha, são 18 votos”, anunciou a feirante, risonha com a presença do candidato. “Depois, eu vou querer meus dentes”, completou a eleitora, mostrando, com novo sorriso, que realmente lhe faltam muitos. Osório não perdeu a esportiva e comentou. “Isso não é difícil”.

Toinha, experiente de várias campanhas eleitorais no Nordeste, deu a resposta padrão à eleitora. “Vamos eleger Osório e depois pensar nisso. A gente não vai sumir depois da eleição, como tantos outros. Somos daqui, você me conhece e conhece a Maria de Lurdes. Pode cobrar”, desafiou a cabo eleitoral.

— Se Deus quiser, eu vou cobrar mesmo, porque o senhor vai ganhar! — respondeu, esportiva, a feirante.

Mais adiante, Osório teve que mostrar jogo de cintura para contornar outro pedido, desta vez ainda mais inusitado. “Vê se o senhor me arranja um carrinho de cachorro-quente para a gente trabalhar”, pediu um eleitor, que montou sua banca de venda improvisada sobre caixotes de frutas vazios. Desta vez, o candidato e sua cabo eleitoral não precisaram falar. Um outro eleitor respondeu antes. “A gente aqui é de trabalho, doutor Osório. Só queremos melhores condições. Se alguém co-

brisse este espaço, para nós seria muito bom”, justificou o ambulante, que também declarou-se eleitor da dobradilha Osório-Maria de Lurdes.

“Vocês me dão licença, só um minutinho?”, pediu o candidato do PFL, ao aproximar-se de um grupo que jogava, tranqüilo, dominó bem no meio da praça. Se Osório temia um constrangimento ou má vontade, desarmou-se com a resposta do eleitor:

— Como é que é, seu Osório? Tamos aí, senador! O senhor é quem manda — devolveu um mulato de bermudas, que parecia estar vencendo a partida.

Osório aproveitou a boa recepção e gastou mais alguns minutos, além do tempo para conseguir os votos e orientar os eleitores sobre a votação de sábado. Em cada recomendação, presenteava o eleitor com um modelo reduzido da cédula eleitoral, e se encarregava pessoalmente de marcar a caneta o seu número e anotar, mais abaixo, o número e o nome de Maria de Lurdes para deputada.

Uma chuva forte ameaçava cair e a feira toda já havia sido percorrida pelo grupo. Osório achou melhor dar o trabalho por encerrado e poupar a voz para o comício de logo a seguir. Entrou no carro e voltou para o Plano Piloto, mas deixou para trás ainda alguns cabos eleitorais que continuaram orientando os eleitores potenciais sobre como votar para a Constituinte.